

LEO PERUTZ

O MARQUÊS DE BOLIBAR



cavalo de ferro

Prefácio

Pouco antes da eclosão da Guerra Franco-Prussiana morreu em Dillenburg, uma pequena cidade do antigo ducado de Nassau, Eduard von Jochberg, proprietário de uma casa senhorial. Senhor idoso e excêntrico, era de um laconismo quase patológico. Passava a maior parte do ano na sua propriedade e só nos últimos anos de vida a frequência dos achaques de que padecia o levou a fixar residência por completo na pequena cidade.

Nenhuma das poucas pessoas com as quais o senhor Von Jochberg mantinha contacto mais próximo – relacionava-se sobretudo com cães de caça e cavalos – era conhecedora do facto de ele ter sido soldado havia muito e de, nos seus tempos de juventude, ter participado em algumas das campanhas de Napoleão I. Nunca ninguém ouvira alguma vez esse senhor relatar ou sequer aludir a quaisquer vivências deste período da sua vida. Assim sendo, tanto maior terá sido o espanto de todos quantos o conheciam quando no seu espólio foi encontrado um maço de folhas escritas, cuidadosamente organizadas, atadas com cordel e seladas a lacre, que uma vez examinadas revelaram ser os memoráveis feitos do tenente Jochberg aquando da campanha espanhola de Napoleão I.

Foi extraordinária a sensação causada por este achado inesperado em toda a província de Nassau e no território vizinho,

o grão-ducado de Hesse. Os jornais locais publicaram relatos e longos excertos dos memoráveis feitos do senhor Von Jochberg, renomados eruditos consultaram esses papéis e os herdeiros do falecido – Wilhelm von Jochberg, seu sobrinho, académico em Bona, e uma senhora idosa, a menina Von Hartung, de Aachen – foram assediados por editores com propostas. Em suma, as memórias do senhor Von Jochberg andavam na boca de toda a gente e nem mesmo a guerra que pouco depois eclodiu conseguiu abafar por completo o interesse do público.

Na verdade, estas memórias versavam um capítulo obscuro e nunca antes clarificado da história militar pátria: a aniquilação de ambos os regimentos locais, o Nassau e o Príncipe-Herdeiro de Hesse, às mãos das forças de guerrilha espanholas.

A respeito deste episódio da campanha espanhola pouco se encontra na literatura relevante. August Scherbruch, capitão do Exército do grão-ducado de Hesse e reconhecido historiógrafo das guerras da Era Napoleónica, não dedica mais do que duas linhas e meia à «tragédia de La Bisbal» nos seis volumes da sua obra *Der Kampf auf der Pyrenäischen Halbinsel, 1807 bis 1813* [*O Combate na Península Pirenaica entre 1807 e 1813*], publicada em Halle pela editora Langermann. O Dr. Hermann Schwarze, professor de História no Liceu de Darmstadt, que publicou um estudo sobremaneira laborioso sobre a proporção de tropas provenientes de Hesse nas campanhas de Napoleão I, estranhamente nem sequer refere o facto de dois regimentos da Confederação do Reno terem sido destruídos por completo. Também nas obras de F. Krause, de H. Leistikow e de Fischers-Tübingen, por certo menos minuciosas, isso foi ignorado. Só num estudo crítico intitulado *Die Rheinbundtruppen in Spanien. Ein Beitrag zur Strategie der Unvernunft* [*As tropas da Confederação do Reno em Espanha. Um contributo para entender a estratégia da insensatez*] se fala em bastante pormenor da «catástrofe

de La Bisbal», sem no entanto aduzir novos detalhes com verdadeira importância. Porventura da autoria de um oficial reformado de Baden — mas publicado anonimamente —, esse escrito foi mandado imprimir em 1826, em Karlsruhe, pela editora Taubesche Buchhandlung. Apenas é referido o nome do comandante de ambos os regimentos, que iremos encontrar no relato dos feitos do tenente Jochberg: era um coronel chamado Von Leslie.

As narrações realizadas pela outra parte são naturalmente um pouco mais pormenorizadas. De entre as de maior fôlego a que tive acesso destaco a de Don Silvio Gaeta, um coronel espanhol do Estado-Maior, que chega à conclusão de que a derrota das tropas da Confederação do Reno em La Bisbal representa com efeito um ponto de viragem na história daquela campanha militar, tendo influenciado de modo decisivo as operações comandadas pelo general Cuesta. E há ainda Simon Ventura, farmacêutico de profissão, que além de uma descrição da vida de Santa Maria Madalena de Pazzi, de um manual para amantes de cogumelos e de uma tragédia intitulada *La fiesta de las tulipas* — um pouco pomposa a mais para o gosto actual —, escreveu também uma história da sua cidade natal, La Bisbal. De um ponto de vista puramente superficial, Ventura demonstra estar em geral bastante bem informado a respeito do decurso dos acontecimentos. Também Pedro d'Orosco menciona a ruína de ambos os regimentos no seu livro *Los jefes de la guerilla en las Asturias*, uma obra de que disponho e que entretanto se tornou bastante rara, ainda que esteja pejada de erros e manifestos enganos.

Porém, consideradas no seu todo, estas e outras obras historiográficas espanholas pouco ou nada contribuem para o esclarecimento do espantoso facto de ambos os regimentos alemães terem desaparecido sem deixar rasto. Só mesmo os escritos deixados pelo tenente Jochberg permitem esclarecer

os estranhos acontecimentos que, no fim de contas, conduziram à tragédia de La Bisbal.

Se a exposição dos factos realizada pelo tenente Jochberg for a acertada, *então a aniquilação do Regimento de Nassau é decerto caso único na história militar de todos os tempos, tendo sido provocada pelo seu corpo de oficiais, com plena consciência e quase conforme um plano deliberado!* É qualquer coisa em que custa acreditar, muito embora nos tempos que vivemos se lance facilmente mão de explicações de natureza místico-ocultista, de termos como psicose suicida ou de vontades influenciadas por sugestão. A ciência histórica especializada irá com certeza julgar com cepticismo o valor das memórias do tenente Jochberg. Considerará decerto o seu relato demasiado romanesco — e não serei eu a censurá-la por isso. Afinal de contas, quanta aptidão crítica poderá ser atribuída a um indivíduo que está convencido de em Espanha ter encontrado o Judeu Errante?

Os feitos memoráveis do tenente Jochberg foram abreviados, sendo aqui apresentados com cerca de dois terços do seu volume original. Muito do que não diz directamente respeito ao assunto em causa sucumbiu à caneta do revisor: é o caso de um relato dos combates em redor de Talavera e de Torres Vedras, bem como de uma descrição da chamada *danza de palos* em La Bisbal, de diversos excursos e diálogos de natureza política, filosófica e histórico-literária, e ainda de uma apreciação dos tesouros iconográficos existentes na sede do município de La Bisbal, realizada do ponto de vista da crítica de arte. O mesmo sucedeu com uma profusa demonstração escrita que atesta as relações de parentesco entre as famílias de Jochberg e do conde Schenk zu Castel-Borckenstein. Ainda que alguns aspectos com interesse do ponto de vista da história contemporânea

possam assim ter sido sonegados ao leitor, a narração em si ganhou em termos de eficácia e vigor.

E de ora avante que relate o tenente Jochberg aquilo que de singular presenciou no Inverno de 1812, na serrana cidade asturiana de La Bisbal.

O passeio matinal

Pelas oito horas da manhã avistámos por fim ambas as alvas torres da igreja da cidade de La Bisbal. Estávamos encharcados até aos ossos, eu e os meus quinze dragões, juntamente com o capitão Eglofstein, o oficial ajudante do comandante do regimento, que nos acompanhara para conduzir as negociações com o alcaide.

O nosso regimento tivera no dia anterior de superar um intenso combate com os guerrilheiros e com o coronel Saracho, que os comandava, a quem a nossa gente, sabe-se lá por que razão, chamava o «Barrilete», decerto em virtude da sua figura rotunda. Lá para o fim da tarde tínhamos conseguido fazer os rebeldes dispersar, havíamos-los perseguido até aos bosques onde se escondiam e por pouco que não apanhámos o próprio Barrilete, pois este só conseguia avançar lentamente, em resultado da podagra que o afligia.

Bivacáramos depois em campo aberto, para desgosto dos meus dragões, que praguejaram por nem após um dia daqueles terem ao menos um punhado de palha seca sobre o qual pudessem dormir. Em tom de brincadeira, prometi a cada um deles uma cama com colchão de frouxel e um dossel com cortinados de seda assim que chegássemos a La Bisbal, e eles deram-se por satisfeitos.

Já eu passei uma parte da noite com Eglofstein e Donop no alojamento do coronel. Bebemos *Glühwein* e jogámos farao, para tentar animá-lo. No entanto, como ele não parava de falar da sua falecida esposa, vimo-nos obrigados a pousar as cartas e a ficar a ouvi-lo, mas tivemos de fazer um esforço para nos mantermos sérios, já que em todo o Regimento de Nassau não há oficial de quem Françoise-Marie não tivesse sido amante, nem que fosse só por uns tempos.

De madrugada, às cinco horas, pus-me a caminho, com Eglofstein e os meus dragões.

– *Prenez garde des guérillas!* – avisou-me o coronel enquanto dali me afastava, a cavalo.

Embora isso dependesse do modo como outros membros do regimento cumpriam a sua missão, sendo eu o oficial mais jovem do regimento, que haveria de responder?

A estrada estava desimpedida e não fomos incomodados pelos insurgentes. Encontrámos duas mulas mortas pelo caminho. Pouco antes da aldeola de Figueras deparámos com dois espanhóis mortos, que se haviam arrastado até ali já moribundos. Um deles era um guerrilheiro do bando de Saracho, o outro trazia vestido o uniforme do Regimento de Numancia. Teriam decerto tido esperança de conseguir alcançar a aldeia a coberto da escuridão, mas a morte havia-lhes barrado o caminho.

Figueras fora abandonada por completo pelos respectivos habitantes, os camponeses haviam-se refugiado nas montanhas com os seus rebanhos de ovelhas. Só no botequim no outro extremo da aldeia é que encontrámos uns três ou quatro espanhóis, *dispersos*, isto é, soldados tresmalhados do Barriete, que se apressaram a fugir dali assim que nos aproximámos. Chegados à orla do bosque, desataram a berrar como possessos, gritavam «*Muerte a los franceses!*», mas nenhum deles disparou qualquer tiro. Um dos meus dragões, o cabo Thiele, gritou-lhes de volta:

– Até à eternidade, ámen, seus cabrões!

Na verdade, ele acreditava, saberá Deus por que razão, que «*Muerte a los franceses!*» queria em alemão dizer qualquer coisa como «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

Quando chegámos diante de La Bisbal, encontrámos o alcaide, que na companhia de toda a junta e de mais alguns cidadãos já nos aguardava frente às portas da cidade. Assim que descemos dos cavalos, este acercou-se de nós e deu-nos as boas-vindas com as palavras apropriadas a tais ocasiões. Disse que tinham simpatia pelos franceses, pois os guerrilheiros comandados pelo coronel Saracho haviam causado muitos danos aos cidadãos e aos camponeses: desde chantageá-los com a ameaça de pegar fogo aos seus bens a roubar-lhes o gado. Fora tão-só um punhado de gente de maus instintos que ali se fixara. Pediu-nos que poupássemos a cidade, já que tanto ele como os seus concidadãos estavam cheios de vontade de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance pelos soldados do grande Napoleão.

Com palavras breves e lacónicas, Eglofstein respondeu-lhe que nada podia prometer, uma vez que o tratamento que a cidade poderia esperar não dependia dele, mas apenas das decisões do coronel. Em seguida, deslocou-se com o alcaide e o secretário administrativo à sede do município, de modo a tratar dos boletos, para que se distribuisse os homens pelo alojamento disponível. Os cidadãos amedrontados que, com os respectivos chapéus na mão, tinham assistido em silêncio àquela conversa trataram então de dispersar e apressaram-se a regressar às suas casas, onde as mulheres os aguardavam.

Tomei posição às portas da cidade com alguns dos meus homens. Depois entrei numa *posada*, a bem dizer uma taberna, situada do lado de fora das muralhas da cidade, à beira da estrada, para aí ficar a aguardar a chegada do regimento enquanto bebia uma chávena de cacau quente, que o taberneiro logo se prontificou a preparar-me.

A seguir ao pequeno-almoço, dirigi-me à horta, visto que o ar naquela sala acanhada fedia a peixe cozido e me deixau nauseado. A horta nem era grande nem estava bem cuidada, o taberneiro plantara aí cebolas, alhos, abóboras e favas sem qualquer preceito, mas o cheiro da terra húmida, depois de ter chovido, fez-me bem. Além disso, a horta era contígua a um terreno mais vasto, onde se erguiam figueiras, olmos e nogueiras, e onde havia um carreiro estreito, ladeado por arbustos de teixo, que seguia por entre relvados até um pequeno lago. Para lá desse lago, em plano de fundo, existia uma casa de campo branca, cujo telhado de ardósia molhado da chuva eu já antes identificara, quando vinha na estrada.

O meu cabo saiu da sala da taberna e veio ter comigo à horta. Estava sumamente indignado e, ao aproximar-se, já vinha a ralar:

– Meu tenente! – chamou. – De manhã sopa, feita com farinha de má qualidade, ao almoço sopa e ao jantar pão e alho. Há semanas que a nossa ração não passa disto, mas se um de nós confiscar dois ou três ovos a um camponês é levado ao tribunal de guerra. E, no entanto, você prometeu-nos que aqui, em La Bisbal, as mesas já estariam postas, o vinho arrefecido e em cada panela um belo naco de toucinho. E então...?

– Então o quê? Que foi que o taberneiro vos serviu?

– Uns peixinhos pequenos e meio podres, uma dúzia por uns trocos! – gritou o cabo, furioso, com a mão estendida até junto da minha cara. Segurava uma espécie de ínfimo biqueirão, um daqueles peixes com que os camponeses espanhóis preparam conservas em vinagre.

– Thiele! – exclamei e, em tom de gracejo, disse: – Está escrito na Bíblia que «Tudo o que se move e tem vida servir-vos-á de alimento». E porque não também este peixe?

Furioso, o cabo quis responder-me, mas naquele momento não lhe ocorreu nada que pudesse dizer a respeito da minha citação bíblica. Logo a seguir, pôs o dedo diante da boca aberta

e agarrou-me no pulso. Acabara de ver qualquer coisa que de imediato o fizera esquecer a sua raiva.

– Meu tenente! – disse ele em voz baixa. – Ali à frente está alguém escondido.

Nesse mesmo instante, atirei-me para o chão e, sem fazer barulho, rastejei até à cerca que delimitava a horta.

– Um guerrilheiro... – sussurrou o cabo num tom firme. – Ali, debaixo dos arbustos.

E, na realidade, vi alguém acororado, nem a dez passos de mim, entre os arbustos de loureiro. Não estava armado com sabre nem fuzil; se trazia armas consigo, estariam decerto escondidas debaixo da roupa.

– Está ali mais um. Ali também! E acolá! Meu tenente, há mais do que uma dúzia deles. Que raio andarão a tramar?

Por detrás dos troncos dos ulmeiros e das nogueiras, das sebes de teixo, por entre os arbustos e na relva, por todo o lado via gente deitada ou acororada. Ainda nenhuma dessas pessoas parecia ter-nos visto.

– Vou correr de volta, para avisar os outros. Os guerrilheiros devem acoitar-se aqui ou então isto é o quartel-general deles. De certeza que o Barrilete também não deve andar longe – sussurrou o cabo.

Nesse instante, um homem alto e idoso, que envergava um casaco escuro e debruado a veludo, atravessou a porta da casa de campo e, cabisbaixo, desceu um par de degraus com todo o vagar.

– Era capaz de apostar que é este que vão atingir – disse eu, em surdina, enquanto preparava a pistola para disparar.

– Estes bandidos querem matá-lo! – segredou o cabo.

– Quando eu saltar por cima da cerca, segues-me e avançamos até eles, de surpresa! – ordenei, mas nesse mesmo instante uma daquelas pessoas, que estava escondida atrás de um monte de saibro, ergueu-se e, a correr, aproximou-se do homem, vinda de trás.

Levantei a mão que segurava a pistola, fiz pontaria, mas logo de seguida voltei a baixá-la, já que entretanto fomos testemunhas da mais invulgar ocorrência que presenciei em toda a minha vida. Um irmão da minha mãe é médico num manicómio em Kissingen e, quando eu era miúdo, de tempos a tempos fazia-lhe uma visita. Naquele instante, achei que tinha ido parar ao pátio desse manicómio, pois aquela pessoa deteve-se a um passo do tal homem idoso, tirou o chapéu da cabeça e, num tom de voz demasiado alto, exclamou:

– Senhor marquês de Bolibar! Desejo um bom dia a Vossa Excelência!

E, precisamente ao mesmo tempo, avançou outro homem alto e calvo, vestido como quem conduz muares, que saiu de trás de uma figura em arenito e também ele dançaricou com passos desajeitados até junto do velho. Deteve-se, inclinou-se e grasnou:

– Aceite toda a minha reverência, senhor marquês. Que Vossa Senhoria viva mil anos!

O mais estranho, porém, é que o idoso continuou a andar, imperturbado, como se nem os tivesse visto ou ouvido. Entretanto aproximara-se de mim e pude então aperceber-me dos traços do seu rosto, que me pareceu sobremaneira hirto e impassível. Tinha o cabelo totalmente branco, a testa e as faces eram pálidas. Mantinha os olhos pregados no chão e jamais esquecerei a sua expressão ousada e assustadora.

À medida que ele ia avançando, de todo o lado surgiam pessoas que deixavam o seu esconderijo, saíam de entre as brechas, de detrás dos troncos das árvores, surgiam de debaixo dos bancos de jardim, como se fossem personagens de um teatro de marionetas. Houve quem saltasse de árvores, se lhe atravessasse no caminho e se lhe dirigisse assim:

– Um seu fidelíssimo criado, senhor marquês de Bolibar!

– Um bom dia, senhor marquês, como vai a saúde de Vossa Mercê?

– Ilustríssimo, apresento-lhe os meus cumprimentos e todo o meu respeito.

Contudo, o marquês avançou em silêncio por entre os lacaios, que pareciam esvoaçar em seu redor como mosquitos em torno de um prato com mel. Ele nada fazia para se defender daquela gente que importunamente o saudava, o rosto permanecia impassível, como se toda aquela palraria, todos aqueles cumprimentos não lhe fossem destinados, como se se dirigissem a alguém que eu não via.

Boquiabertos, ficámos ambos, eu e o cabo, a observar aquele singular espectáculo. Entretanto houve um tipo desganhado, de baixa estatura, que saltou do interior de um pequeno abrigo de jardim e, com passos curtos, como se fosse um mestre de dança, se aproximou do velho. Deteve-se, raspou com grande empenho os pés no chão, como galinha saída de um monte de estrume, e num francês sofrível exclamou:

– Olhem só quem lá vem, o meu amigo Bolibar! Que satisfeito fico por encontrá-lo!

No entanto, também ele, que se comportava como se fosse o melhor amigo do marquês, foi por este tratado com indiferença. Sem sequer lhe dirigir o olhar, o idoso prosseguiu ensimesmado, como que absorvido em profundas reflexões, voltou a dirigir-se à sua casa de campo, subiu os degraus e desapareceu na escuridão para lá da porta, tão em silêncio como de lá saíra.

Levantámo-nos do chão e seguimos os lacaios com o olhar, que entretanto, em pequenos grupos, alguns de braço dado, a fumar e a tagarelar, seguiram o patrão e entraram na casa.

– Eh lá! Mas que diabo foi isto a que acabámos de assistir? – perguntei ao cabo.

Ele reflectiu por uns instantes.

– Os espanhóis da alta nobreza têm sempre uma atitude grave e carregam uma enorme tristeza – disse ele por fim.

– É a sua maneira de ser.

– Este marquês de Bolibar deve ser um doido varrido e a gente que o serve trata-o como tal, ainda faz pouco dele. Anda daí, vamos voltar para o interior da taberna. O dono logo nos explicará por que razão o senhor marquês é tão solenemente cumprimentado por jardineiros, cocheiros, moços de cavalaria e lacaios, sem que nenhum deles receba qualquer resposta.

– Decerto festejaram hoje o dia do santo seu patrono... – comentou o cabo. – Mas se quer entrar para a taberna, meu tenente, então vá sozinho, eu fico aqui fora, já não volto para aquele ninho de ratos. A toalha de mesa parece o estandarte do nosso regimento depois do assalto a Talavera. E no chão o taberneiro tem tanta porcaria que chegava para estrumar as terras de Pamplona até Málaga.

Ele ficou parado diante da porta e eu dirigi-me ao dono da *posada*, que fui encontrar ocupado a tostar delgados pedacinhos de pão em azeite. A taberneira estava deitada no chão, a avivar a chama dos pedaços de carvão, socorrendo-se de um velho cano de espingarda que fazia as vezes de fole.

– A quem pertence a casa de campo situada aqui perto? – perguntei.

– A um senhor distinto que é o homem mais rico de toda a província – respondeu o taberneiro, sem sequer erguer o olhar do que estava a fazer.

– Sim, imagino que não tenha sido construída para abrigar gansos nem bodes... – comentei. – Como se chama o dono?

O taberneiro olhou para mim com uma expressão de profunda desconfiança.

– Sua Excelência, o insigne senhor marquês de Bolibar – anunciou ele por fim.

– Marquês de Bolibar... – repeti. – Um senhor altivo, não é verdade? E muito orgulhoso do seu estatuto de nobreza.

– Que quer dizer com isso? É um senhor afável e amistososo, apesar de tão bem-nascido. Um cristão verdadeiramente devoto, que não é de todo orgulhoso. Agradece a saudação de

um aguadeiro com que se cruze na rua com a mesma simpatia com que a agradece ao nosso reverendíssimo senhor pároco.

— Contudo, não parece ter um discernimento inteiramente são — insisti. — Ouvi contar que, na rua, a rapaziada corre atrás dele, que o achincalha e chama pelo nome, para o ridicularizar.

— *Señor caballero!* — exclamou o taberneiro, cujo rosto adoptou uma expressão assustada. — Quem foi que lhe contou uma tal mentira? Deixe-me que lhe diga que, em toda esta província, não existe homem mais inteligente. De todas as aldeias das redondezas os camponeses peregrinam para o consultar sempre que não sabem o que fazer com o seu gado, as suas mulheres ou os impostos altos.

Aquelas palavras do taberneiro não se ajustavam de todo à cena que eu testemunhara havia pouco, quando estava na horta. Imaginei-a de novo, vi diante de mim o homem que, calado e com uma expressão impassível no rosto, passava pelo bando dos seus ruidosos e inconvenientes lacaios, sem sequer ser capaz de afugentá-los. Ponderei sobre se haveria de relatar ao taberneiro aquilo a que assistira quando estava na sua horta, mas nesse momento escutei o estridente som das trombetas, ouvi também o matraquear dos cascos, reconheci a voz do coronel e apressei-me na direcção da rua.

O meu regimento chegara. Os granadeiros, sujos e cobertos do suor de uma marcha de várias horas, haviam destróçado e estavam sentados na beira da estrada, à esquerda e à direita. Os oficiais saltaram dos seus cavalos e chamaram os respectivos criados. Aproximei-me do coronel e participei o que tinha a relatar.

O coronel ouviu o que tinha para lhe dizer, mas sem prestar muita atenção. Foi observando os arredores, enquanto pensava como haveria de melhorar a linha de fortificações e, na sua mente, erigia bastiões, realizava aterros, criava câmaras para alojar minas, projectava redutos para protecção da cidade.

Juntamente com alguns outros oficiais, o capitão Brockendorf estava ao pé do carro de bois que transportava os alforges de todos os oficiais. Acerquei-me dele e falei-lhe do invulgar passeio matinal do marquês de Bolibar. Ele ia abanando a cabeça enquanto me ouvia, com uma expressão de incredulidade no rosto. Porém, o tenente Günther, sentado num balde vazio ao lado dele, disse o seguinte:

– Entre os nobres espanhóis encontra-se com frequência tipos bem esquisitos. Não se cansam de recitar aqueles seus nomes bem-sonantes, tão compridos que quase se precisaria de um rosário três vezes maior do que o normal para encarrear aquela ladainha. Pelam-se por passar o dia inteiro a ouvir os lacaios a pronunciar todos os seus títulos. Quando estive em Salamanca, fiquei alojado em casa de um tal de conde de Veyra...

Começou a contar uma história que vivera em casa de um espanhol muito orgulhoso do seu estatuto de nobreza, mas entretanto foi interrompido pelo tenente Donop:

– Bolibar? Foi Bolibar que disseste? Mas Bolibar não era o nome do nosso pobre *Marquesito*?

– Sim, de facto! – exclamou Brockendorf. – Certa vez, ele até me contou que a família tinha terras na zona de La Bisbal.

No nosso regimento havia um jovem espanhol de origem nobre que servira como voluntário, um dos poucos da sua nação que, animados pelas ideias da liberdade e da justiça, haviam tomado o partido da causa de França e do imperador. Estava desavindo com a família, por isso só dois ou três dos seus camaradas lhe conheciam o verdadeiro nome e a origem. Não obstante, os camponeses espanhóis referiam-se a ele como «*Marquesito*» – com efeito era de estatura baixa e possuía uma figura graciosa – e era também assim que o chamávamos. Sucumbira na noite anterior, num combate com os guerrilheiros, e tínhamo-lo enterrado no cemitério de Bascaras, uma pequena aldeia.

– Não há qualquer dúvida, Jochberg – declarou Donop –, o seu marquês de Bolibar é parente do nosso *Marquesito*. É nosso dever informar o velho homem, com todo o cuidado e consideração, da morte do nosso corajoso camarada. Quer assumir essa tarefa, Jochberg, tendo em conta que já conhece o senhor marquês?

Fiz continência e, acompanhado de um dos meus homens, pus-me a caminho da casa de campo do aristocrata. Enquanto avançava, fui preparando as palavras com que, de um modo adequado, pretendia cumprir aquela difícil e ingrata missão.

Um muro separava a casa da rua, mas em muitos sítios este já desabara, pelo que facilmente se poderia entrar na propriedade. Ao aproximar-me do edifício, fui recebido por uma confusão de vozes que gritavam, ralhavam e se lamentavam. Bati à porta.

Nesse mesmo instante o ruído cessou e ouvi uma voz perguntar:

– Quem está aí?

– Gente que vem em paz – respondi.

– E que gente é essa?

– Sou um oficial alemão.

– *Ave María purísima!* Valha-nos Deus... – pronunciou uma voz num tom queixoso. A porta foi aberta e pude entrar.

Estava de pé num átrio e vi os lacaios, os cocheiros, os ajudantes do jardineiro e toda a restante criadagem a correr por ali, em grande confusão, todos com um ar consternado. Também lá estava o tipo desgrenhado e baixo que eu antes vira e que se dirigira ao marquês com as palavras «Olhem só quem lá vem, o meu amigo Bolibar!». Aproximou-se de mim com os seus passos de mestre de dança, estava vermelho como um tomate, tal a excitação, e apresentou-se como o mordomo, caseiro e feitor de Sua Senhoria, o marquês de Bolibar.

– Desejo falar com o senhor marquês – anunciei.

O mordomo arquejou e levou ambas as mãos às têmporas.

– O senhor marquês? – gemeu ele. – Oh, Deus misericordioso, Deus misericordioso! – Fitou-me durante alguns instantes e depois disse: – Senhor tenente, senhor capitão ou seja lá quem for... Sua Senhoria, o marquês, não está.

– Como não está?! – exclamei num tom severo. – Há meia hora eu próprio o vi no seu jardim.

– Há meia hora, sim, mas entretanto desapareceu. – Dito isto, virou-se para um homem que ia a atravessar o átrio e chamou-o: – Pasqual! Estiveste no estábulo? Falta algum dos cavalos?

– Não, *señor* Fabricio. Estão lá todos.

– E os de montar também? O branco, o *Capitán*, e o rosilho, o *San Miguel*? E a égua, a *Hermosa*, também está no estábulo?

– Estão lá todos – insistiu o moço de cavalaria. – Não há nenhum em falta.

– Então Deus, a Virgem Maria e todos os santos que nos acudam. O nosso senhor sofreu algum acidente. Desapareceu.

– Quando foi que viu o senhor marquês pela última vez? – perguntei.

– Há meia hora, no seu quarto de dormir, estava lá a olhar-se ao espelho. E, por ordem dele, eu tinha de estar sempre a aparecer no quarto para me inteirar de como Sua Senhoria se sentia. Tinha de perguntar-lhe «Como foi que Sua Senhoria, o marquês, passou a noite?», ou então, como se fosse um dos seus amigos de Madrid, queria que lhe dissesse «Bons olhos te vejam, Bolibar, como foi que aqui vieste ter?». Tive de repetir isso algumas vezes enquanto ele, diante do espelho, ficava a olhar para a sua imagem.

– E hoje de manhã no jardim?

– Sua Senhoria comportou-se de modo estranho ao longo de toda a manhã. Tivemos de esconder-nos nos arbustos e, quando o senhor marquês ia a passar, gritar o nome dele bem alto. Só Deus sabe o que Sua Senhoria pretendia, pois a verdade

é que nunca antes fez fosse o que fosse sem uma razão e um objectivo.

Entretanto acercou-se o jardineiro, acompanhado do seu ajudante. O mordomo afastou-se de mim e foi ter com ele.

– Ainda estão à espera? Tratem de esvaziar o lago imediatamente! – E, virando-se para mim, disse, entre suspiros: – Queira Deus que lhe possamos conceder as devidas honras e fazer um enterro cristão, caso o venhamos a encontrar no fundo do lago.

Deixei a casa e relatei aos meus camaradas o que me fora dado a ouvir. Enquanto debatíamos o assunto, passou por nós uma padiola onde jazia um oficial que havia sido ferido.

– Bolibar? – berrou ele de repente. – Quem foi que acabou de falar do marquês de Bolibar?

O oficial envergava o uniforme de um outro regimento, mas reconheci-o. Era o tenente Rohn, dos Caçadores Hanoverianos, com os quais eu partilhara o alojamento no Verão passado, ao longo de duas semanas. Recebera um tiro no peito.

– Fui eu – respondi. – Que tem o marquês de Bolibar? Você conhece-o?

Fitou-me com uma expressão angustiada e repleta de horror. Os seus olhos pareciam arder, em resultado da febre causada pela infecção da ferida.

– Detenham-no, depressa! – gritou com a voz enrouquecida. – Ou isso ou ele dá cabo de vocês todos.

O Barrilete

Dois dias mais tarde, no Convento de Santa Engrácia — que tratámos de converter em hospital logo após a nossa chegada a La Bisbal —, o tenente Von Rohn, dos Caçadores Hanoverianos, veio a sucumbir aos seus ferimentos. Nesse entremeio foi por diversas vezes interrogado pelo nosso coronel e pelo capitão Eglofstein a propósito das circunstâncias concretas do seu inesperado encontro com o Barrilete e o marquês de Bolibar. Não esteve sempre plenamente consciente, mas ainda assim as suas declarações foram suficientes para nos transmitir informações acerca do que certa noite — aquela que se seguiu à nossa escaramuça com os guerrilheiros — foi combinado entre o Barrilete, o marquês de Bolibar e o capitão inglês William O’Callaghan na Capela de São Roque, no bosque de Bascaras. O seu relato esclareceu-nos por completo a respeito do carácter e das aptidões do marquês de Bolibar. Percebemos também o quanto nos havíamos equivocado acerca deste perigoso inimigo de França e do imperador.

O tenente Von Rohn fora incumbido pelo comandante do seu regimento de transportar documentos importantes — as chamadas *feuilles d’appel*, listas de controlo e de registo de todos os homens que integravam os Caçadores Hanoverianos — até Forgosa, onde ficava o quartel-general do marechal Soult, visto que o subinspector não estava a querer pagar. A região que se

estendia entre o local onde se encontrava o Quarto Corpo do Exército do marechal Soult e o paradeiro da brigada do general D'Hilliers, à qual pertenciam os Caçadores Hanoverianos, estava presentemente sob o controlo dos insurgentes, que também ocupavam a cidade de La Bisbal e as imediações, pelo que o tenente Von Rohn se viu forçado a evitar o conforto da estrada nacional e a socorrer-se de caminhos que atravessavam a floresta e seguiam até Forgosa através das serranias.

Chegado a esta parte do seu relato, o tenente Von Rohn perdeu-se em amarguradas censuras dirigidas aos contabilistas do Exército e expressou o desejo de poder arrancar todos os comissários de guerra, os responsáveis pelo planeamento e, de resto, todos os mangas de alpaca do quartel-general das suas fofas cadeiras estofadas e fazê-los assentar arraiais nos duros rochedos das serras de Espanha. Se assim fosse, não tardariam a aprender a tratar as tropas como deveria ser. Ao regimento ora faltava o calçado, ora faltavam as munições, e certa vez tinham tido de usar baldes de jardinagem a fazer as vezes dos cestos de vime entrançado que se enchem de terra para erigir fortificações. A seguir perdeu-se por completo em divagações e começou a falar do soldo, reclamando com veemência de, em casa, um tenente receber todos os meses vinte e dois táleres, ao passo que ele, em campanha, apenas recebia dezoito.

— Junot é doido — gritou ele então, a arder de febre, por causa da ferida infectada. — Como pode um homem completamente louco estar ainda a comandar um corpo de exército? Está bem que é corajoso, em pleno combate saca da arma de um soldado comum e põe-se também a disparar, mas ainda assim...

Dito isto, Eglofstein interrompeu-o e fez-lhe uma pergunta. O tenente não tardou a acalmar-se e retomou o tema do seu relato.

Ao fim do segundo dia da sua viagem, realizada na companhia do seu criado, já havia passado o bosque de Bascaras.

Enquanto avançavam por entre o denso matagal – naquele terreno tão difícil os cavalos revelavam-se mais um entrave do que uma vantagem –, haviam escutado tiros de espingarda e o ruído do combate que, não muito longe de onde se encontravam, se desenrolava na estrada nacional entre nós e os guerrilheiros. Sem demora, Rohn alterou o rumo da sua progressão e subiu o monte, para assim se pôr em segurança no interior da floresta. Alguns minutos mais tarde, foi atingido nas costas por uma bala perdida. Caiu ao chão e por instantes perdeu a consciência.

Quando voltou a si, deu consigo em cima do dorso do cavalo, ao qual o seu criado o prendera com duas correias. Já quase tinham chegado ao cimo do monte, mas entretanto o ruído do combate parecia ouvir-se bem mais de perto: conseguia distinguir vozes individuais e escutava ordens breves, bem como as imprecações e gritos dos feridos.

No topo do monte, no meio de uma clareira, encontrava-se uma capela dedicada a São Roque que fora parcialmente incendiada. Aí chegados, o criado e os cavalos que dirigia detiveram-se, pois o tenente perdera já uma grande quantidade de sangue, e quase parecia que o ferido lhe iria morrer nos braços. Disse-lhe que, daquela maneira, o mais certo seria irem parar às mãos dos espanhóis, pelo que retirou o tenente do dorso do cavalo e o carregou para o interior da capela. Rohn, que sentia fortes dores e se encontrava já debilitado pela perda de sangue, não se opôs a nada. Com ele nos braços, o criado subiu os degraus da entrada e depositou-o no chão da capela, tapou-o com o seu capote e cobriu-o ainda com feixes de palha. A seguir pôs-lhe o seu cantil nas mãos, pousou duas pistolas carregadas ao lado do tenente, de modo que este conseguisse alcançá-las se estendesse a mão direita, e cobriu-as também com palha. Em seguida, afastou-se com ambos os cavalos, mas não sem antes o tenente lhe ter garantido que se manteria ali sossegado, sem se mexer, e ele próprio ter prometido ao

outro que, acontecesse o que acontecesse, ficaria sempre por perto e não o deixaria ali entregue à sua sorte.

Entretanto a escuridão instalara-se e os tiros e demais ruídos haviam-se silenciado. Durante algum tempo tudo permaneceu calmo, tanto que o tenente chegou a querer enfiar a cabeça através de uma clarabóia do telhado e chamar o criado de volta, pois acreditava que o perigo já passara. A dada altura, porém, escutou vozes e conseguiu distinguir o brilho de lanternas e archotes a aproximar-se da capela.

Percebeu logo que eram guerrilheiros, por isso tratou logo de se esconder sob os feixes de palha. Através dos buracos e frinchas de um tabique de madeira junto ao qual estava deitado, ele pôde ver como os espanhóis iam trazendo os seus feridos para dentro da igreja. Um deles subiu os degraus e atirou fardos de palha para os outros. O tenente susteve a respiração, já que temeu ser descoberto e logo ali trucidado.

Contudo, o espanhol não se apercebeu da presença do tenente e voltou a descer a escada, com a sua lanterna na mão, para ir pôr ligaduras nos feridos. Com os seus instrumentos, avançava de homem em homem, mas nunca antes o tenente vira um cirurgião militar que realizasse o seu trabalho com tamanho enfado e com um ar tão carrancudo como o que este espanhol exhibia.

— Porque estás tu aí sentado com esse ar de paciência de Job?! — perguntou ele a um dos feridos. E a outro, que gemebundo se lamentava e dizia que não tardaria a entregar-se à eterna bem-aventurança, disse o cirurgião num tom repleto de escárnio: — Seu tolo, a eterna bem-aventurança não é assim tão barata e acessível como acreditas. Achas mesmo que para alcançar o Céu basta ter um buraco na pança?

— Que tens para mim aí no teu estojo de primeiros socorros? — ouviu o tenente um dos feridos gritar para o médico. — Gordura de macaco? Banha de urso? Merda de corvo?

– Para ti tenho um pai-nosso, mais nada – resmungou o cirurgião. – Estás demasiado esburacado. – E, ao debruçar-se sobre o seguinte, acrescentou, entre dentes: – Sim, a morte é pagã, não celebra feriados. Como costume dizer, «Com as guerras, não há cemitério em que a terra fique muito tempo por remexer».

– Ainda demoras a vir até cá? – chamou-o um ferido que aguardava a um canto.

– Eh lá, espera até ser a tua vez! – gritou o cirurgião já furioso. – Conheço a tua pinta, és dos que querem logo um emplastro em cada picada de melga. Se ao menos a bala tivesse acertado no cu do Diabo, não estava agora aqui a maçar-me contigo.

Lá fora, diante da capela, os guerrilheiros tinham acendido uma fogueira. Havia sentinelas viradas para a floresta e um oficial que ia andando de um lado para o outro, a fazer rondas, e visitando quem estava de vigia. Deitados em redor da fogueira, os insurgentes deviam ser uns cento e cinquenta ou mais. Muitos deles dormiam e alguns fumavam cigarros. Traziam consigo roupas e armas que tinham tomado aos franceses: um deles umas polainas de um soldado de infantaria, um outro a espada comprida de um couraceiro, e um terceiro as pesadas botas de um soldado alemão de cavalaria. Nas imediações da capela erguia-se um sobreiro, a cujo tronco fora fixada uma imagem da Virgem com o Menino, e diante dessa imagem havia dois espanhóis ajoelhados a rezar. Um oficial inglês, um capitão dos Fuzileiros da Nortúmbria, estava de pé, apoiado na sua espada, a olhar para a fogueira. Com a sua casaca escarlata e o penacho branco no chapéu, destacava-se ali no meio dos guerrilheiros como um ducado de ouro entre tostões em cobre. (De acordo com a descrição de Rohn, só poderá ter-se tratado do capitão William O'Callaghan, que, de acordo com o que nos era conhecido, fora incumbido pelo

general Blake de manter a ordem e a disciplina entre os bandos de guerrilheiros desta região.)

Entretanto, no interior da capela, o cirurgião terminara o seu trabalho. Avançou a mancar para o exterior, até ao pé da fogueira. Era um homem pequeno, deveras gordo, envergava um casaco castanho, corsários e meias azuis, já rasgadas, embora no colarinho exibisse galões que o identificavam como sendo um coronel. Pelo modo como o brilho da fogueira era reflectido no rosto do homem, o tenente apercebeu-se de que fora o Barrilete em pessoa que, no interior da capela, havia estado a ligar os feridos e que, com a rude sensibilidade de um macaco, tão fraco consolo lhes proporcionara. Na cabeça usava uma carapuça feita de veludo e bordada com fios dourados, que o tenente de imediato reconheceu como sendo o gorro de dormir que pertencera ao marechal Lefebvre: tal adereço era conhecido e famoso em todo o Exército, pois tinha sido por causa dele, quando juntamente com as demais bagagens do marechal fora parar às mãos dos insurgentes, que o ajudante do enfurecido marechal e todos os oficiais que integravam a escolta do transporte haviam sido castigados com detenção.

O Barrilete estendeu as mãos acima do fogo para conseguir aquecê-las. Durante algum tempo tudo permaneceu calmo: só mesmo os feridos iam gemendo, um dos que estavam a dormir praguejou enquanto sonhava e ambos os espanhóis ajoelhados diante da imagem continuaram a murmurar uma oração.

O tenente Rohn relatou ainda que por essa altura se debateu com um enorme cansaço e que, mesmo apesar da sede que sentia e de estar tão próximo dos seus inimigos, quase teria adormecido, não fora o súbito e sonoro chamamento das sentinelas a despertá-lo. Lançou um olhar através da clarabóia e viu o marquês de Bolibar, que acabara de sair do meio da escuridão da floresta e se chegara à luz emitida pela fogueira.

O tenente Rohn descreveu-o como um homem idoso e alto, cujo cabelo e bigode eram completamente brancos. Tinha o nariz

um pouco arqueado e os traços do seu rosto possuíam qualquer coisa de feroz e assustador. Por muito que tentasse, o tenente Rohn foi incapaz de explicar por que razão o marquês produzia esse efeito.

— Ora aí está ele! — exclamou o Barrilete e afastou as suas mãos do fogo. — É o senhor marquês de Bolibar — acrescentou, virado para o oficial inglês. — Peço desculpa, senhor marquês, por ter perturbado o seu descanso nocturno — disse, enquanto descrevia uma desajeitada vénia quase até ao chão —, mas o mais provável é que amanhã já não me encontrasse por estas bandas e há certas notícias, da maior importância, que tenho para lhe transmitir a respeito da sua família.

Com um súbito movimento da cabeça, o marquês ergueu o olhar e fitou o Barrilete. Do seu rosto empalidecido desaparecera qualquer vestígio de cor, mas o fogo projectou um brilho avermelhado nas suas faces.

— Senhor marquês, Vossa Senhoria é porventura aparentada do tenente-general de Bolibar, que há dois anos comandou o Segundo Corpo Espanhol? — perguntou o capitão inglês num tom gentil.

— O tenente-general é meu irmão — respondeu o marquês, sem sequer desviar o olhar do Barrilete.

— Um oficial com o seu apelido serviu no Exército inglês, um homem que tomou o parque de artilharia aos franceses em Acre.

— Esse foi o meu primo — respondeu o marquês, ainda com os olhos fixados no Barrilete, como se estivesse à espera de que dali partisse um ataque ou uma agressão, que teria de enfrentar com um olhar firme.

— A família do senhor marquês providenciou excelentes oficiais a diversos exércitos — disse então o Barrilete. — Até há pouco houve também um sobrinho do senhor marquês a servir no Exército francês.

No Inverno de 1812, em plena Guerra Peninsular, dois regimentos alemães que combatem nas fileiras do exército napoleónico são aniquilados pelas forças de guerrilha espanholas na localidade asturiana de La Bisbal em circunstâncias nunca clarificadas. O único sobrevivente do massacre é o tenente Von Jochberg, que relata nas suas memórias este episódio obscuro da história militar. Dessas páginas desponta uma figura lendária e camaleónica, que determina o curso dos acontecimentos: o Marquês de Bolibar.

Escritor admirado por Musil, Calvino ou Borges, e depois injustamente caído no esquecimento, lido apenas por alguns eleitos, Leo Perutz é uma das maiores figuras da literatura europeia. *O Marquês de Bolibar*, de 1920, é, por muitos, considerado a sua obra-prima. Inverosímil e cómico, este romance histórico, envolto pela névoa do sobrenatural, povoado por oficiais, soldados e guerrilheiros ébrios de paixão, medo e vingança, operou uma metamorfose na narrativa do século XX.

«O exemplo perfeito de um romance fantástico
no seu estado puro.»

Jorge Luis Borges

«Ao ler um romance de Perutz,
fica-se com vontade de os ler todos.»

Emmanuel Carrère



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-552-2



9 789895 835522